

RESENHA

NOS PRESÍDIOS BRASILEIROS, AS MULHERES: UMA LEITURA DA OBRA *PRISIONEIRAS*, DO MÉDICO DRÁUZIO VARELLA

195

REVIEW

IN BRAZILIAN PRISONS, THE WOMAN: A READING OF “PRISIONEIRAS”, BY MEDICAL DOCTOR DRÁUZIO VARELLA

Alessandra Mara Vieira¹

Recebido em: 10/10/2019
Aprovado em: 28/11/2019

¹ Mestra em Estudos Literários pela UFMG, professora efetiva do IFMG *campus* Ipatinga, e-mail: alessandra.vieira@ifmg.edu.br.

O médico Dráuzio Varella publicou em 1999 o livro *Estação Carandiru*, pela Editora Cia das Letras, obra em que narra histórias que ouviu e viu acontecer dentro do presídio Casa de Detenção de São Paulo, conhecido como *Carandiru*. O sucesso foi imediato e surpreendeu até mesmo o autor, que se deu conta da repercussão que a obra havia ganhado nos jornais, inclusive, que a resenharam incessantemente. Em 2003, o livro vai para a grande tela e estreia nos cinemas em todo o país, confirmando o sucesso da publicação. O filme torna-se um grande ícone dos tempos que viriam de convivência da sociedade com as narrativas e com a realidade para a qual elas apontam: um sistema prisional triste, falido, injusto, cruel e totalmente desumanizador, medieval muitas vezes.

Na trilha dessa vitoriosa obra, Dráuzio Varella publica, em 2012 também pela Cia das Letras, o livro *Carcereiros*, em que agrupa narrativas que ouviu dos colegas de trabalho, uma vez que o médico foi voluntário por mais de duas décadas no sistema carcerário. Sentiu que devia dar voz a esses servidores públicos que são invisibilizados e recebem péssimo tratamento do Estado e da sociedade, que não os enxergam como policiais que são, reclamação muito comum entre eles e revelada pelo livro. Nesse livro, as histórias surpreendentes são capazes de demonstrar como os carcereiros, mesmo estando vinculados e em um trabalho extremamente difícil, são grandes contadores de histórias. Conseguem, muitas vezes, tornar a dura realidade do trabalho de lidar com a massa carcerária em histórias surpreendentes e muito humanas. É nele que está narrada do ponto de vista do carcereiro parte do que aconteceu durante o massacre do Carandiru, ocorrido em outubro 1992, em que morreram mais de cem detentos durante a intervenção da Polícia Militar do Estado de São Paulo, para conter uma rebelião.

O escritor havia, pois, desenhado de certa forma o sistema carcerário brasileiro sob o ponto de vista masculino (Carandiru abrigava homens até sua implosão em 2002, e *Carcereiros* é uma narrativa dos homens que trabalhavam como guardas nos presídios). Em 2017, Dráuzio Varella finaliza sua trilogia ao publicar *Prisioneiras*, segundo ele mesmo o último livro com temática prisional,

conforme afirma na apresentação da obra. Indicado ao Prêmio Jabuti de Humanidades, o livro sobre as mulheres e o sistema prisional é fruto das histórias que ouviu durante seu trabalho também voluntário na penitenciária feminina. Dessa vez, Dráuzio Varella aventura-se em um universo totalmente desconhecido, mesmo para ele com tamanha experiência em presídios brasileiros. Já na abertura, relata a dinâmica de relacionamento das presas, como ocorre o comando interno entre elas e conclui, enfaticamente, que precisava desaprender tudo o que sabia sobre prisão para conseguir contribuir com seu trabalho no sistema carcerário feminino.

O escritor admite, portanto, já na entrada do livro, que o sistema prisional feminino é diferente do masculino, em vários aspectos, e por isso demanda, inclusive, atendimento médico diferente. Ele conta que seu afastamento da clínica obstétrica e ginecológica por tantos anos o deixou vulnerável diante de tantas demandas dessa natureza. Importante como a obra ressalta para o poder público e para a sociedade que as mulheres, quando prisioneiras principalmente, têm demandas diferentes das dos homens, inclusive médicas. Para que se reflita sobre as necessidades ligadas aos Direitos Humanos das mulheres, o livro de Dráuzio Varella é importante ferramenta de divulgação de como o sistema carcerário simplesmente ignora o gênero e trancafia mulheres e homens como se suas demandas e doenças fossem as mesmas.

Há que se pontuar o mérito do autor em relação à capacidade narrativa, apresentada em *Estação Carandiru*, lapidada em *Carcereiros* e, finalmente, refinada em *Prisioneiras*. O primeiro livro é o mais famoso, mas em termos de fluxo narrativo, *Prisioneiras* é uma obra para ser lida no mesmo dia, está cheia de narrativas surpreendentes, emocionantes e que agarram o leitor pela empatia que provoca com suas descrições de trajetórias de vida tão inimagináveis, mas, ao mesmo tempo, muito comuns na periferia brasileira. Talvez o que se encontre de inimaginável nas histórias só o seja para a classe

média consumidora do livro, mas a própria organização das narrativas fornece uma pista interessante sobre pontos em comum entre as mulheres encarceradas: são pobres, estudaram pouco ou nada, vieram de lares desfeitos, desestruturados e muito caóticos, são em sua maioria negras, foram abandonadas ou estiveram sob domínio de práticas moral e sexualmente abusivas. São histórias de horror, capaz de chamar atenção da classe média privilegiada brasileira de quanto o abandono, o machismo e o racismo produzem de desgraça social.

Esse perfil das mulheres que vão presas no Brasil, que ganhou voz no livro *Prisioneiras*, é confirmado pelo vídeo *Como se prende no Brasil?* disponível no Youtube e produzido pelo Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC). De forma objetiva, através de dados e relatos de processos judiciais arbitrários (para dizer o mínimo), o vídeo confirma o que as narrativas nos contam na obra de Dráuzio Varella: a estrutura do Estado é uma máquina de moer carne da periferia. Esse sistema penal é ainda mais cruel com as mulheres, presas em sua maioria em razão de crimes de menor gravidade (embalar drogas é um deles) e, em muitos casos, práticas criminosas que objetivam prover sustento à família, inclusive quando o marido/companheiro está preso. Segundo o Instituto, embalar drogas é uma prática comum entre as mulheres pobres da periferia, por ser atividade que pode ser combinada com as da casa. Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), em 2018 houve um aumento do número de mulheres presas em mais de 600%, 62% são negras, 74% são mães e 45% ainda estão sem julgamento. Esse perfil de prisioneira e os dados sobre seus crimes denotam absoluta falta de políticas públicas para os mais pobres, mais vulneráveis e, principalmente, as negras da periferia, desempregadas, subempregadas, com filhos e sem ter onde deixá-los para trabalhar.

Um dado interessante e absolutamente lamentável que o vídeo oferece é o fato de as prisões provisórias, no Brasil, durarem mais de um ano em alguns casos, o que é resultado da falta de estrutura dos acusados em se defender e a

falta de competência do Estado em prover um percurso jurídico decente e justo. Lá no livro, Dráuzio Varella consegue nos direcionar para as causas dessas estatísticas tão vergonhosas que ostentamos sobre o tempo de prisão provisória: as mulheres, quando presas, em geral são abandonadas pela família, ficam à própria sorte em um sistema penal que não serve para reabilitar, mas para massacrar. As que se relacionam com homens, dão depoimentos sobre como seus maridos, namorados, companheiros, nunca visitam. Lá, esquecidas pelos seus, entram em um sistema penal cujo funcionamento sequer conseguem compreender. Possuem opiniões parcas e vagas sobre sua situação jurídica e as possibilidades de reestabelecer a vida lá fora.

O livro de Dráuzio Varella dialoga com importante obra sobre o tema *Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*, de Nana Queiroz, de 2015, publicado pela Editora Record. A autora apresenta fatos marcantes como a produção de absorvente interno feito com miolo de pão. Nana Queiroz ainda chama a atenção para o nascimento de crianças dentro dos presídios e como o sistema penal lida com a vida das mulheres e dos filhos. Seguindo a trilha de obras como *Estação Carandiru*, o livro *Presos que menstruam* foi filmado recentemente em documentário, atestando o crescente interesse do público por tudo o que cerca o sistema prisional.

Ao refletir sobre esse crescimento do interesse pelo encarceramento e pela vida dentro dos presídios, há que se notar que a questão de gênero aparece muito recentemente. Ainda segundo o documentário do ITTC, citado acima, o encarceramento feminino é o que mais cresce no país e é também o mais urgente de ser combatido. O combate específico ao encarceramento de mulheres, segundo o Instituto, deve-se ao fato de que as prisões delas impactam a vida de todos que estão ao seu redor, principalmente os filhos, que ficam abandonados e sem estrutura, sendo conduzidos, muitas vezes, ao mundo do tráfico de drogas para sobreviver; círculo vicioso de injustiça e falta de oportunidades que é amplamente demonstrado no documentário. O livro *Prisioneiras* confirma a crueldade do encarceramento feminino na medida em

que o leitor percebe claramente um elo entre elas: a falta de oportunidade e de educação, negadas por toda a vida das detentas. Para agravar o quadro, em 2006, o Estado brasileiro publica a Lei nº 11.343 que estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas, legislação que fecha o cerco contra os praticantes de crimes de menor potencial letal (como embalador de drogas) e os mais vulneráveis (moradores de comunidades pobres, onde a polícia ostensivamente promove *batidas*).

Por carregar o peso do seu nome e da sua experiência com o sistema prisional, de alguém que esteve dentro dos presídios por mais de duas décadas, a obra de Dráuzio Varella é importante recurso de divulgação das informações e das narrativas que lá estão. Consegue fazer chegar ao público mais bem informado e politizado uma realidade esquecida da sociedade civil. Sem abrir mão da linguagem poética, *Prisioneiras* consegue um retrato perturbador do sistema prisional brasileiro, especificamente sobre as mulheres. Essa característica deve ser ressaltada: ao mesmo tempo em que o autor consegue nos oferecer um bem feito aglomerado de histórias – tragicamente parecidas – proporciona também uma escrita poética, em que se mistura o trágico e o cômico das histórias que ouviu em seus anos de atendimento. Por tudo isso, *Prisioneiras* é uma obra importante, necessária. Com as informações chegando de todas as fontes e tão acessíveis – filmes, curtas, livros, matérias jornalísticas e relatos – não é mais possível o argumento de que essas injustiças são desconhecidas. As portas dos presídios foram - simbolicamente - abertas por livros como de Dráuzio Varella e, se a sociedade ainda se negar transformar o sistema penal, será por pura conveniência e convivência.

Referências

QUEIROZ, Nana. *Presos que menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

VARELLA, Dráuzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

VARELLA, Dráuzio. *Carcereiros*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

VARELLA, Dráuzio. *Prisioneiras*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
<https://www.ittc.org.br>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.
<https://www.depen.gov.br>. Acesso em: 27 de novembro de 2019.